

# Humilhação nas escolas do DF

» GUILHERME GOULART

Começa o horário do intervalo em uma escola de ensino fundamental de Santa Maria. Gritaria, corre-corre, grupinhos de meninas de um lado e de meninos do outro. Um olhar mais atento, porém, aponta para um garoto do 6º ano rodeado de alunos mais velhos, todos do 9º e último ano do colégio. Eles o erguem pelos pés, mãos e braços e passemiam, rindo, pelo pátio. Só largam o menino de 11 anos depois da intervenção de uma funcionária. A criança, visivelmente sem graça, olha com vergonha ao redor e tenta se recompor. Reclama em voz baixa e dá a entender que a humilhação virou rotina.

A exposição sofrida pelo estudante brasiliense tem nome: bullying. E o Distrito Federal lidera, no Brasil, esse tipo de abuso repetitivo, segundo pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os envolvidos na Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar ouviram em 2009 alunos das redes privada e pública de 6.780 instituições de ensino das 27 capitais da Federação. Todos do 9º ano do ensino fundamental. Do universo candango, 35,6% dos entrevistados admitiram sofrer ridicularizações no ambiente escolar (leia arte). Belo Horizonte e Curitiba aparecem em seguida.

Para realizar o estudo, o IBGE pediu que meninos e meninas respondessem à seguinte questão: Nos últimos 30 dias, com que frequência algum dos seus colegas de escola te escutacharam, zoaram, mangaram, intimidaram ou caçoaram tanto que você ficou magoado, incomodado ou aborrecido? Os alunos tiveram três opções de resposta. Dos estudantes do DF, 29,1% confirmaram sofrer bullying raramente ou às vezes, enquanto 6,5% admitiram ser vítimas da perseguição por parte dos colegas quase sempre ou sempre. Participaram do levantamento 2.970 adolescentes de 54 escolas e 94 turmas da capital federal.

O garoto de 11 anos matriculado no ensino fundamental público de Santa Maria está entre os que experimentam com frequência o assédio. Na última quinta-feira, a brincadeira de mau gosto testemunhada pelo *Correio* se revelou como mais uma entre as mais variadas formas de humilhá-lo diante dos demais. Os responsáveis pela agressão são sempre os mais velhos. "Todo dia isso acontece. Penso às vezes em não vir mais para a aula. É muito chato. A gente reclama, mas não muda nada", lamenta o menino franzino.

Assim como ele, muitos alunos do 6º ano, a antiga 5ª série, aparecem como alvos preferidos das turmas mais avançadas. Os mais novos não escapam das gozações. A reportagem conversou com pelo menos 10 deles. Todos tinham alguma história desagradável para contar. "A 5ª série sofre. Eles sempre jogam a gente na lata do lixo ou ficam dando totozinhos (rasteiras). A gente se sente humilhado", afirma um estudante de 12 anos. Outro colega de 11 anos caiu de cabeça no chão depois de derrubado. "Eu bati a cabeça e acabei indo para a diretoria. Foi muito ruim. Até pedi para a minha mãe me mudar de escola", explica.

## Inferiorizado

A pesquisa também mediou o bullying por tipo de escola e por sexo. Quase 40% dos alunos candangos vítimas dos abusos no ano passado eram de instituições particulares. E 34,6%, matriculados na rede pública de ensino. Ao conversar com garotos do 9º ano do ensino fundamental de um colégio privado da Asa Norte, o *Correio* descobriu diferenças em relação às humilhações praticadas no centro de ensino de Santa Maria. Ficou evidente que as brincadeiras de mau gosto dificilmente vão além de ameaças e do assédio psicológico. Agressões fi-

Breno Fortes/CB/D.A Press



Em um colégio público de Santa Maria, as queixas dos alunos são frequentes sobre as variadas formas de expor os colegas ao ridículo

## Depoimento

### Sofrimento frequente

"Nós sofremos nas mãos deles. O povo da 8ª série fica dando totozinho, dá cascudo, joga casca de mexerica nos outros. Muitas vezes, eu não venho à aula por causa disso. É ruim, muito ruim. Hoje, os meninos da 8ª série pegaram no pé de um garoto menor e o levantaram. Direto, eles nos jogam no lixo. Já me senti humilhado porque fica todo mundo rindo. Eles batem porque a gente é pequeno. E não adianta reclamar com os professores. Muitos deles não acreditam. Acho que quando a gente crescer e ficar mais velho, não vamos fazer esse tipo de coisa."

» Estudante do 5º ano, de 11 anos, de uma escola pública de Santa Maria

## QR code



Para assistir a uma videoreportagem sobre bullying, fotografe com seu celular o leitor QR code que você vê acima. Envie um torpedo com a palavra QR para o número 50035. Em instantes, você receberá um SMS com link para fazer o download do software leitor do código. Depois, com o software, aponte a câmera do seu celular para o código e acesse o conteúdo multimídia. O custo do SMS é de R\$ 0,31 + impostos. O *Correio* não cobra nada pelo serviço, mas, a cada vez que você utilizar, estará navegando na internet, e a sua operadora cobra pelo tráfego de dados.

## Levantamento

A Pense 2009, realizada a partir de um convênio entre o IBGE e o Ministério da Saúde, investigou diversos fatores de risco e proteção à saúde dos adolescentes brasileiros. Traçou o perfil a partir da situação dos estudantes do 9º ano do ensino fundamental em relação à prevalência de elementos de risco comportamentais, como família, sexo, drogas e violência.

sicas são raras. Pelo menos dos portões para dentro.

No caso do grupo de cinco meninas e dois meninos ouvidos pela reportagem, todos reclamaram de dois colegas de mesma idade e da própria turma. O alvo deles são normalmente os mais diferentes física ou culturalmente. "Eles sempre dão um jeito de desbochar de alguém. Talvez porque 'se achem' só porque moram em um bairro melhor do que os dos outros. Ou incomodam uma menina porque ela tem olhos puxados ou uma outra que é bastante tímida. Às vezes, isso magoa. E a gente, para não criar confusão, acaba ficando quieta", conta uma estudante de 14 anos.

Um garoto da mesma idade reagiu mal a uma das provocações dos dois colegas. Fez uma pergunta durante a aula e acabou alvo de chacotas de um deles. "Me senti humilhado, inferioriza-

do. Isso acaba inibindo a gente", revela. Em outra ocasião, mais uma intervenção da dupla fez com que a professora de inglês suspendesse a exibição de um vídeo passado em sala de aula. "Ela (a professora) criticou o gesto deles e toda a turma acabou punida", reclama outra aluna. Duas jovens do ensino médio também disseram que são comuns as provocações contra fãs de mangá, histórias em quadrinho feitas com estilo japonês.

## Vaidade

As estudantes candangas sofrem menos agressões e humilhações do que os meninos. Segundo os dados levantados pelo IBGE, 31% delas reconheceram sofrer o assédio no ambiente escolar — 26,7% raramente ou às vezes e 4,3% quase sempre ou sempre. Já 41,2% dos garotos en-

trevistados se viram vítimas de bullying. Ao contrário deles, elas raramente partem para a agressão física. As humilhações ocorrem com mais frequência por questões de vaidade, que envolvem roupas, cabelo e maquiagem, e também por ciúmes.

Duas colegas de turma do 7º ano do ensino fundamental de uma escola pública do DF ouvidas pela reportagem reclamaram das ameaças diárias praticadas pelas alunas mais velhas. "Elas ficam falando mal do nosso cabelo ou não nos deixam chegar perto dos meninos mais velhos. Às vezes, até partem para a agressão", revela uma delas, de 12 anos. A outra garota diz que o segredo é não dar muita atenção às brincadeiras de mau gosto. "O melhor é não dar bola. Se a gente se mostra incomodada, a coisa piora e afim, sim, elas não largam do pé", ensinou a garota, também de 12 anos.